

## CULTURAS, EDUCAÇÃO E CORPO EM MOVIMENTO – POTENCIALIDADES DA ESCOLA

### CULTURES, EDUCATION AND BODY IN MOVEMENT - POTENTIALITIES FROM SCHOOL

Andrea da Paixão Fernandes<sup>143</sup>

Lucio Bernard Sanfilippo<sup>144</sup>

#### Resumo

O presente artigo propõe refletir e dialogar sobre as temáticas educação, culturas e corpo a partir do lugar da escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento dessa inter-relação. Entendemos as culturas como relevantes para a valorização e preservação de diferentes costumes, bem como para que percebamos, em sua dinâmica, potencialidades e possibilidades outras de produção de conhecimentos. Consideramos os movimentos e processos educativos e culturais – sobretudo nas culturas populares – que envolvam corpos, saberes, redes, na constituição de uma escola outra que se abra às diversidades que transbordam pelos diferentes espaços, dentro e fora de seus muros.

**Palavras-chave:** Culturas. Educação. Corpo. Saberes.

#### Abstract

This article proposes to reflect on and to dialogue with the theme of education, cultures and body taking into consideration the school as a privileged space a privileged space for the development of this interrelation. We understand cultures as being relevant to the valuation and preservation of different habits, as well as perceiving their dynamics, other potentialities and possibilities of knowledge production. We consider the educational and cultural movements and processes – especially in popular cultures – that involve bodies, knowledge, and networks in the making up of a school that opens itself up to the diversities that overflow the different spaces, inside and outside its walls.

**Keywords:** Cultures. Education. Body. Knowledge.

---

<sup>143</sup>Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), Doutora em Educação (UNICAMP). Pesquisa na área de Educação de Jovens e Adultos e Formação de Professores. e-mail: andreaaf@uerj.br

<sup>144</sup>Professor de Educação Física, Mestre em Educação (UERJ), Doutorando em Educação pelo Kékeré/PropEd/UERJ. e-mail: luciosanfilippo@gmail.com

## Abrindo o diálogo

Ao nos propormos dialogar sobre as temáticas educação, culturas e corpo, consideramos a escola como espaço que precisa se fazer privilegiado para que a relação entre essas temáticas se estabeleça. Falamos de uma escola onde a ideia de culturas, no plural, porque não é única, transborde e seja provocadora de diferentes movimentos que se somam e, portanto, dão vida às práticas pedagógicas que ali se desenvolvem, pelos diferentes campos de saberes e pelas mais variadas faixas etárias, das crianças, pequeninas, aos jovens e adultos.

Considerar essa escola é refletir, problematizar e propor relações outras que possam transcender as paredes, os muros, e dialogar com as diferentes formas de se (re)criar culturas que estão nas ruas, nas praças, nas cidades, no mundo... É, ainda, pensar sobre possibilidades que, muitas vezes, estão ao alcance dos nossos olhos, nas nossas salas de aula. O que se faz necessário, fundamentalmente, é estarmos, como professores e educadores, sensíveis a olhar atentamente e a interagir com o que ali brota como uma semente que desabrocha.

Para pensar essas tantas possibilidades e potencialidades que transitam cotidianamente nas escolas e nas salas de aula, partimos de um diálogo sobre culturas e formas como podem vir a emergir no espaço escolar, suas manifestações e as apropriações possíveis. Entendemos que essa abordagem conversa diretamente com as culturas populares que, mediante um olhar sensível, transbordam e ocupam as escolas com o corpo, que é movimento, em movimento.

Preocupa-nos, ainda, os saberes produzidos nesses contextos e a partir deles, para que possamos problematizar e propor a possibilidade de uma escola outra que se abra às diversidades não só dentro e para além de seus muros, mas pelos diferentes espaços onde comunidades se fazem presentes. Nesse sentido, apresentaremos duas experiências de trabalho com manifestações culturais populares dentro de espaços educativos formais.

## Culturas – por fora e por dentro da escola

Dialogar sobre culturas pressupõe reconhecer que os seres humanos são adaptáveis às formas de ser e de viver as culturas de uma determinada região ou grupo social e essa não é uma configuração baseada em aspectos genéticos. Estudos do campo da antropologia têm nos permitido reconhecer que uma mesma atividade pode ser desenvolvida por pessoas de diferentes sexos em sociedades culturalmente diferentes (LARAIA, 1986). Para o autor, “a verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica” (LARAIA, 1986, p. 19), tal como ocorre em determinadas comunidades em que há trabalhos que são desenvolvidos por homens, ao passo que outros ficam a cargo das mulheres de um mesmo grupo social<sup>145</sup>. Em diálogo com o autor, em relação à questão do trabalho entre homens e mulheres, é possível reconhecer que nos adaptamos a diferentes contextos, ainda que possamos manter características de uma mesma região geográfica em que estejamos, sendo influenciados por ela. Assim, produzimos culturas a partir dos nossos referenciais e dos do outro, que passamos a conhecer e a vivenciar. De acordo com Laraia (1986, p. 24),

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade (d)a espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. Mas que é cultura?

---

<sup>145</sup>De acordo com Laraia (1986), na tribo indígena Xingu a tarefa de carregar água para a aldeia é feminina. Por outro lado, os homens são responsáveis pela caça e pelo manuseio do arco e flecha, ainda que lidar com esses instrumentos seja fisicamente mais leve. Há sociedades em que os homens participam do processo de amamentação dos filhos fazendo uso da mamadeira. Essa mudança de comportamento que está ligada aos aprendizados construídos que permitem que pessoas do sexo feminino ou masculino ajam de acordo com um processo denominado endoculturação, que assegura que o tipo de educação recebida e não pelo fato de desempenharem atividades definidas como para homens ou para mulheres.

As culturas se manifestam desde os tempos mais longínquos da história da humanidade, haja vista que todos os seres humanos, independente da época ou do período histórico, são produtores de culturas. Isso nos leva a compreender que os seres humanos não vivem em estado de natureza, puro. Assim, constituem diferentes formas de viver nos diferentes contextos. Sobre esse aspecto e ancorando-se nos estudos de Lévi-Strauss, Mendes e Nóbrega (2004, p. 127) afirmam que “as singularidades de cada cultura não deveriam ser utilizadas para justificar as desigualdades sociais, nem tampouco ser motivo de impedimento para a comunicação entre as diversas culturas existentes no mundo”.

Elas precisam ser vistas com o olhar de quem deseja transcender questões de classe social e econômica. Romper com uma visão elitista, eurocêntrica, em que diferentes formas de culturas se manifestam por pessoas e grupos sociais de diferentes partes do mundo, é considerar o ser humano como produtor de culturas em sua plenitude.

Laraia (1986), ancorado no antropólogo americano Alfred Kroeber, considera o ser humano como resultado de seu meio cultural, trazendo consigo conhecimentos e experiências que fazem parte de sua socialização. Diante disso, o ser humano produz culturas a partir dos conhecimentos que vai adquirindo ao longo da vida e das formas de interação e, portanto, de socialização que se estabelece entre ele, seu meio e outros seres humanos. Sendo assim, “o que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado de cultura. Todo ato humano é biocultural” (MENDES; NÓBREGA, 2004, p. 130).

As ações humanas estão impregnadas de aspectos culturais e são, portanto, produtoras de culturas que trazem os percursos biológicos, históricos e as transformações que se fazem não por mudança de percursos, mas fundamentalmente, por considerar os acúmulos desses percursos que se materializam em produção de conhecimentos. Dessa forma, considerar os costumes e, por sua vez, as heranças de gerações anteriores, é de fundamental importância na nossa constituição como sujeitos nos/pelos grupos sociais. Cabe ressaltar, também, que linguagem e comunicação são essenciais para que haja a produção de culturas. De acordo com

Laraia (1986, p. 52), “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”. E essa capacidade é inerente aos seres humanos.

Ainda sobre o conceito de cultura, Mendes e Nóbrega (2004, p. 131), consideram que “é constituída pelo conjunto de textos produzidos pelo homem, não apenas construções da linguagem verbal, mas também mitos, rituais, gestos, ritmos, jogos”. Todas essas construções se baseiam em regras, símbolos, normas de uma determinada sociedade, em determinado tempo. Essa compreensão do conceito nos permite reconhecer que desde criança, podemos ser socializados em qualquer cultura na qual nos inserirmos, aprendermos e nos apropriarmos dela. Assim como o corpo posto em movimento é produtor de culturas.

Corpo que salta, que dança, que joga, que corre, que ginga, que caminha ou que nada. Que pisca e se estica, que rola e se enrosca, que vibra e sacode. Que foge. Corpo que ri, que chora, que grita, que sofre e goza. Corpos que se expressam fazendo aflorar as diversidades de sentidos criadas a partir do movimento. O corpo é nossa possibilidade de existência (MENDES; NÓBREGA, 2004, p. 133).

Ao corpo tem sido reservado pouco espaço na escola, na universidade, apesar de inúmeros trabalhos que pretendem chamar atenção para sua importância em quaisquer instâncias das trocas humanas. Não há possibilidade de aprendizado e ensino sem os sentidos do corpo, sem fala, visão, audição, tato ou olfato.

A propósito desse corpo, produtor de cultura, Jorge Sabino e Raul Lody sugerem que: “antes de tudo retrata um lugar, um tempo histórico, atividades, profissões, religiosidade, ludismo, rituais de sociabilidade e formas de comunicação”. (SABINO; LODY, 2011, p. 15). Os autores assumem o corpo como protagonista que é da comunicação, da produção de conhecimentos e culturas, traduzindo, por exemplo, de alguma forma quando dança, os anseios e necessidades, as formas de trabalho, as belezas e mazelas das comunidades que formam e pelas quais são formados.

O corpo é um espaço socialmente informado, que assume repertório de movimentos e se define como um lugar de produção de

conhecimentos. A dança é uma realização social, uma ação pensada, refletida, elaborada tática e estrategicamente, abrangendo uma intenção de caráter artístico, religioso, lúdico, entre outros (SABINO; LODY, 2011, p. 16).

Dançar é apenas uma possibilidade do corpo e de interação entre corpos, que integra pessoas e produz humanidades. É mais uma potencialidade de tessitura das redes de saberes<sup>146</sup>, de que nos falam Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2001), e que incluem os afetos e a ludicidade como pontos fortes.

Carlos Rodrigues Brandão nos diz que “tudo o que existe entre a pessoa, a pedagogia e a educação constitui planos, conexões, fios e tramas do tecido complexo e mutante de uma cultura. Somos humanos porque criamos cultura e continuamente a transformamos” (BRANDÃO, 2008, p. 108-109). Cultura se faz, também, ao socializarmos o que está na natureza. É um processo de (re)criação, de transformação, de (re)construção de saberes, sentidos que nos constituem como sujeitos inseridos em grupos sociais e culturais. Vamos nos alimentando dessas fontes, produtoras de culturas e que nascem de processos (re)criadores.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, à medida que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 2013, p. 60).

---

<sup>146</sup>Entendemos por redes educativas, a partir dos estudos de Nilda Alves (1999; 2001; 2010), os sentidos que dão corpo à multiplicidade de formas de *aprenderensinar* (ALVES, 2001) que caracteriza a produção de conhecimentos que se faz com e no coletivo. As redes educativas nos permitem olhar e compreender formas e espaços múltiplos de aprender e de ensinar, rompendo com a linearidade, a hierarquia, como único caminho de construção de conhecimento e fazendo-nos perceber a ideia de teia, de rede, onde diferentes saberes, de diferentes áreas ou campos, entrecruzam-se e, em diálogo, permitem-nos construir conhecimentos. Essa construção se faz mais rica quando educação, culturas, comunicação... saberes diversos entram juntos em cena, permitindo-nos pensar e vivenciar uma outra escola.

Ao se (re)criarem, os seres humanos participam das ações em diferentes *espaçostempos*<sup>147</sup>, o que se faz em e por meio de movimentos que precisam se ancorar em processos de humanização e, por sua vez, produtores de culturas. Cultura, em Freire, é uma ação criadora e decorrente do trabalho humano. Por isso, não está só nas culturas letradas, mas sim em toda ação humana que, produtora de conhecimento, se faça transformadora.

Diante da compreensão “da dimensão da cultura como aquisição sistemática da experiência humana” (FREIRE, 2013, p. 145), é urgente que o campo da educação e a escola<sup>148</sup> reflitam sobre a necessidade de democratização o do acesso às culturas, de forma que possa se constituir efetivamente para todos. Já está passada a hora de sairmos da cultura como está nos livros, nas enciclopédias, no mundo da escola e dialogarmos com as culturas populares, em suas diferentes formas, origens, potencialidades e lugares.

Quanto mais a escola se aproximar das manifestações populares, tão mais estará cumprindo seu papel democrático nas trocas e produções de conhecimentos. Permitir que as experiências das culturas populares apareçam no ambiente escolar é urgente para a valorização horizontal desses conhecimentos tidos como inferiores pela ciência. Vejamos o que Boaventura de Sousa Santos (2008) tem a nos dizer sobre isso: “Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada” (SANTOS, 2008, p. 94). Entendemos, portanto, que assim se tecem redes que permitem a constituição de uma escola que nos permite praticar a inclusão social e diálogos com diferentes saberes, de diferentes origens.

---

<sup>147</sup>A utilização de termos unidos e em itálico quer marcar para os estudos nos/dos/com os cotidianos indica a relação de indissociabilidade existente entre esses dois termos, considerando que conceitos como esses, dicotomizados pela ciência na Modernidade, são indissociáveis, únicos, segundo Nilda Alves (ALVES, 2001; ALVES; SANTOS, 2016).

<sup>148</sup>Referimo-nos às pessoas que compõem a instituição escolar, também conhecidas como comunidade escolar.

## O corpo que fala – as culturas populares que transbordam e ocupam a escola

Corpo e culturas populares se integram em diferentes *espaçotempos* educativos. Trazemos, nessa tessitura, duas situações vividas que constituem, a nosso ver, ricos e valiosos exemplos da riqueza dos conhecimentos que se produzem com e a partir de práticas pedagógicas que valorizem as culturas populares e mecanismos de preservação dos saberes agregados. Essas duas situações foram vividas em espaços e tempos diferentes, mas dentro da mesma Universidade. O primeiro, na disciplina Educação Física, Folclore e Cultura Popular do curso de graduação em Educação Física, ao passo que o segundo exemplo tomou corpo em aulas da disciplina Clube de Leitura, com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A professora doutora Maria José Alves da Silva Oliveira, a Zezé do Folclore, na década de 70 do século passado, revolucionava o cotidiano do Instituto de Educação Física e Desportos – o IEFD – na UERJ com as trocas horizontais e conhecimento envolvendo as culturas populares. Focada nos grupos étnicos como negros, indígenas e brancos e nas regiões de trabalho, como pesca, agricultura, pecuária e na região amazônica, a professora nos fazia voltar aos tempos da Educação Infantil. Só que na Universidade!

Sentados no chão, ouvíamos Zezé sugerir que aproveitássemos as revistas que havia na sala 9111 do IEFD, para recortar as figuras que fariam parte do trabalho a ser apresentado no final do semestre. Mas a forma escrita era apenas uma parte do trabalho, que deveria contar com um mito ou história dramatizada, uma apresentação musical, uma dança, apresentação oral dos conteúdos pesquisados e degustação! Sim, o trabalho sugerido pela professora que hoje dá nome à Sala de Folclore acrescentou alguns verbos à já tão rica lista de Mendes e Nóbrega apresentada acima: corpo que toca, corpo que canta, corpo que sente cheiros, corpo que cozinha, corpo que come, corpo que imita, corpo que faz festa!

Zezé conseguia, na faculdade, trazer a alegria e a ludicidade dos tempos de infância. Fazia-nos lembrar do tempo em que pra tudo cantávamos, dançávamos, em que pintávamos, desenhávamos e aprendíamos, e... ensinávamos. Resgatava da

memória as trocas afetivas de que o corpo é ator maior e templo. De quebra, fomentava essas trocas nas casas dos alunos, já que precisavam interagir com a família para trazer aquele peixe que só a tia sabia fazer, ou aquele vatapá que a avó fazia como ninguém, o arroz doce mais gostoso que era a especialidade da mãe. O tempo na Sala de Folclore passava sem dor. Ninguém precisava ficar decorando conteúdos, como ações, inserções e origens dos músculos característica das aulas de anatomia.

As trocas pedagógicas em ambiente festivo se dão naturalmente, permeadas pela ludicidade que o corpo, valorizado nessas trocas, possibilita. Redes educativas, afetivas eram tecidas naquele espaço, naquele tempo, mostrando que educação e comunicação caminham juntas nos processos culturais de que nos fala Laraia.

Zezé gostava de maracatu, coco, boi e as produções dos alunos surpreendiam a cada semestre. Mas era com a ciranda que Zezé fazia a maior revolução. A cada nova turma, Zezé tentava mostrar como essa manifestação se dava, na beira do mar, em terras pernambucanas embalada por Lia de Itamaracá. Os alunos precisavam ficar atentos a esses novos parâmetros gestuais, a esses novos engramas motores que se apresentavam. Precisavam aprender as músicas, como se tocava, como se cantava. Mas não era só isso: precisavam criar uma ciranda só deles, que, claro, mantivesse as características da ciranda tradicional, mas trouxesse suas memórias gestuais, que “tivesse a cara dos alunos”. Dessa forma, nenhuma ciranda produzida por eles era igual à de outra turma.

Na década de 90, Zezé se deu conta de que Lia de Itamaracá, personagem mitológico da canção que povoava nossos imaginários “Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá”, existia de verdade. Quando soube que ia se apresentar na rua do Lavradio, corremos para assistir. Começava ali uma amizade que aproximou os corações de Zezé e dona Lia, levou a cirandeira – que também é merendeira de mão cheia – para a Universidade e coroou-a Rainha do Maracatu da UERJ, reconhecendo-lhe a majestade em ambiente universitário!

A professora Zezé procurou, à época, os departamentos culturais responsáveis da UERJ, conseguiu shows, produziu oficinas de coco e ciranda. Com isso, possibilitou que o CD de um show de Lia de Itamaracá, gravado no Centro Cultural Banco do Brasil

e parado por falta de capital, fosse lançado.

Como podemos notar, a professora Zezé fazia acontecer, com maestria, o diálogo entre a academia e as comunidades. Ajudava que percebêssemos que os conhecimentos têm importâncias horizontais, valorizava as culturas populares e as realidades identitárias simbólicas e empíricas que todos esses processos culturais envolvem. Experiências dessa natureza podem e devem incentivar a criatividade na escola, potencializando as produções de conhecimentos tecidas em redes nos cotidianos dos mais variados *espaçostempos*.

O segundo contexto vivido de que nos apropriamos como exemplo, refere-se a uma turma do quarto ano de escolaridade do Ensino Fundamental no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ – com crianças na faixa etária de 8 a 10 anos, na presente década de 2010. A proposta de trabalho com o ciclo do café dialogava naturalmente com a vida dos negros escravizados que trabalhavam nas fazendas de café do sudeste brasileiro. Com a perspectiva de recuperação das tradições culturais e das memórias dos povos escravizados, propusemos um trabalho que associava leitura à musicalidade, considerando o jongo como manifestação cultural e patrimônio imaterial brasileiro. O jongo se desenvolveu no Brasil por intermédio de negros africanos, bantus, que vieram, principalmente, para a região do Vale do Paraíba trabalhar nas lavouras de café e de cana-de-açúcar. Então, relacionar o estudo do ciclo do café – que previa uma expedição<sup>149</sup> a uma fazenda de café<sup>150</sup>, inclusive, com a área da senzala preservada à qual os estudantes teriam acesso – era de extrema relevância. Nesse contexto, o jongo ocupou a sala de aula e se constituiu como manifestação a ser pesquisada e trabalhada por meio de textos científicos, jornalísticos, literários e de músicas. Entretanto, o contato com a música, com a batida, fez vivermos situações que traziam aspectos de religiosidades e de culturas. Em uma das aulas, uma criança disse: “Professora, essa música é macumba!”. A professora, então, respondeu:

---

<sup>149</sup>Assim são chamados os trabalhos de campo realizados com estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no CAP-UERJ.

<sup>150</sup>Fazenda Ponte Alta, localizada no município fluminense de Barra do Pirai. [www.pontealta.com.br](http://www.pontealta.com.br)

- *O jongo é uma dança muito antiga, dos ancestrais daqueles escravos. E assim também é a música, conhecida como ponto de jongo. Manter a tradição do jongo significa preservar a tradição dos negros africanos desde suas origens, recordando também a memória dos que já morreram.*

Aos poucos, nas aulas, foi possível discutir sobre a importância da preservação das tradições orais, da história dos povos que nos constituem como brasileiros e das contribuições desses povos para a presença de religiões de matrizes africanas para o Brasil. Em outra aula, uma criança do mesmo grupo pede a palavra e diz, com os olhos repletos de emoção: “Minha avó dança jongo. Minha mãe também. E eu aprendi com elas”. Estava nas falas daquela criança a materialização da preservação da tradição jongueira, manifestada dentro da sala de aula. A partir dali, resistências, que porventura permaneciam, foram quebradas. O grupo assistiu a vídeos, ouviu músicas, ensaiou alguns passos de jongo. Aprendeu que os pontos de jongo retratam o contato com a natureza, a vida cotidiana, o trabalho pesado realizado pelos escravos, o sofrimento e as marcas do que foi vivido pelos negros. E que crianças só fizeram parte das rodas de jongo muitos anos mais tarde, pois essa era uma dança restrita às pessoas adultas. De acordo com Sanfilippo (2011, p. 39), “todo universo do jongo, como também de todas as culturas populares e folclores, revela e desvela um sem fim de informações só decodificadas com a vivência frequente”. Contudo, ainda que o tempo tenha sido demarcado pelo limite do período escolar, foi possível entender, coletivamente, a importância de conhecer e, para isso, pesquisar as tradições culturais, a partir das diferentes manifestações culturais e populares e, assim, contribuir para a manutenção e preservação das tradições.

Situações como essas que exemplificamos, vividas em sala de aula, permitem-nos enveredar por outras tantas formas de *aprenderensinar*, como atos compartilhados e que precisam ser indissociáveis. Fazem ser possível constatar que aprendemos sempre, com livros literários ou não, com textos científicos, jornalísticos, poéticos e também com revistas das quais podemos recortar gravuras. Também com os cheiros e sabores de comidas e de bebidas que se somem aos conteúdos e temas abordados em sala de aula. Enfim, com uma gama de materiais e possibilidades que

estão no mundo, para nos apropriarmos, nos encantarmos e produzirmos encantamentos outros.

### **Educação, culturas e corpo – valorização de saberes em breves considerações**

Ao abordarmos as interfaces entre educação, culturas e corpo na escola, ressaltamos a importância de todas as culturas, das mais diversas origens, estarem, de alguma forma, presentes no cotidiano das salas de aula. Reafirmamos a necessidade de que a escola seja sem muros, de modo que todas as manifestações possíveis possam se fazer em diálogo e enriquecendo as potencialidades do *aprenderensinar* como trocas, compartilhamentos, interações. Ter acesso a diferentes culturas vivas na escola é, fundamentalmente, manter vivas tradições que se reinventam por costumes herdados de gerações anteriores.

Todavia, igualmente entendemos ser necessário potencializar, nos espaços cotidianos de formação docente, abordagens pedagógicas que sejam capazes, independente da área de conhecimento, de valorizar e trabalhar com as culturas populares, uma vez que essas transcendem o caráter disciplinar. Assim, aprendemos com essas formas de produção de conhecimentos, contribuindo para que sejam valorizadas, reconhecendo a grandeza que sempre tiveram, e enriquecendo o dia a dia da escola.

Quando o corpo que canta, dança e toca jongo, que senta e recorta, cozinha, sente cheiros e saboreia, ornamenta, ele se liberta e se abre para outras possibilidades de trocas e construções de conhecimentos na escola e na universidade. As experiências no Clube de Leitura e na Sala de Folclore nos mostram isso de forma muito significativa. A emoção de uma aluna, o estranhamento da outra, o choque dos alunos de Educação Física convidados a sentar no chão, provar alimentos provocou descobertas e fomentou a criação de novos parâmetros.

O presente artigo é resultado do diálogo entre as citadas experiências pessoais dos autores - inclusive, na Sala de Folclore - em aulas da disciplina Educação de Jovens e Adultos na Licenciatura, na sala de aula da educação básica e em outros espaços

diversos de formação humana, formais e não formais. As vivências positivas que se materializaram em situações de *aprenderensinar* que nos constituem, transformaram nossas práticas e ressaltam a importância de cada vez mais fomentar a interação dos ambientes escolares e acadêmicos com as potencialidades do corpo e das culturas populares. Tal aspecto tem sido valorizado na nossa prática pedagógica e, também, nos espaços formativos.

Ressaltamos, ainda, que a defesa da escola (e para além de seus muros) como espaços de processos culturais é tarefa de professores e de educadores. O reconhecimento da importância das festas, das danças, das cirandas e folguedos, que disputam as praças, as ruas, a cidade, pode trazer esse encantamento para a escola e revolucionar seu cotidiano. O respeito aos saberes construídos com e a partir das culturas populares produzidas e divulgadas pelo povo e pelas comunidades pode potencializar a escola como espaço de valorização de diferentes conhecimentos. Além disso, contribui significativamente para a redução das desigualdades sociais, ao criar diálogos e interfaces entre culturas que circulam e que podem aproximar povos e comunidades.

## Referências

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **Os sentidos da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 111-120.

\_\_\_\_\_. Imagens das escolas. In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (orgs.). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out-dez/2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

\_\_\_\_\_; SANTOS, Joana. Redes de conhecimentos e currículos: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes. **Espaço do currículo**. João Pessoa, v. 9, n. 3, p. 372-392, set-dez/2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. CULTURA (movimentos de cultura popular). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 108-110.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 27, p. 125-137, set-dez/2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. Contar o passado, analisar o presente e sonhar com o futuro – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis (RJ): DP et Alii, 2001.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANFILIPPO, Lucio. **Interdisciplinando a cultura na escola com o jongo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

Data de envio: 19/09/2018

Data de aceite: 02/12/2018